

POTÊNCIAS REGENERATIVAS

“(...) a habilidade de auto-organização é a maior força de resiliência sistêmica. Um sistema capaz de evoluir pode sobreviver a quase qualquer mudança, mudando a si mesmo.”

(Meadows, 2015, p. 159)¹

Maria Carolina Garcia²
Adriana Yumi Sato Duarte³

1 No original, lê-se: *“the ability to self-organize is the strongest form of system resilience. A system that can evolve can survive almost any change, by changing itself”*. Tradução livre das autoras.

2 Carol Garcia, PhD, é professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Especialista em economia circular e design participativo, é autora de *Imagens Errantes: ambiguidade, resistência e cultura de moda*. ORCID 0000-0002-0393-0612.

3 Adriana Yumi Sato Duarte, PhD, é professora e coordenadora do curso de Design de Moda do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP). ORCID 0000-0003-4441-2691.

Alguns meses antes da pandemia de COVID-19 interromper o cotidiano de forma abrupta, um grupo de designers de superfície baseado em São Paulo e no Rio de Janeiro descobriu um terreno comum baseado no interesse em práticas sustentáveis, especialmente estamparia botânica. Isso suscitou intercâmbios de ideias e técnicas, compartilhadas por meio de redes sociais e encontros presenciais em diferentes oportunidades. A discussão em torno da energia vital da natureza e do impacto das plantas na saúde humana, tradicionalmente desenvolvida pelos povos ancestrais sul-americanos e previamente estudada pelo alquimista uruguaio Francisco Piria (1847-1933)⁴, acrescentou significado simbólico às conversas informais sobre processos regionais de tinturaria artesanal e *eco-printing*. A medida que a comunidade crescia, o grupo começou a organizar uma mostra conjunta para fortalecer seus laços e expandir a proposta colaborativa. Justamente neste momento, a progressão da pandemia no Brasil impactou expressões artísticas e pequenos negócios de moda, pois os eventos tiveram de ser postergados para cumprir com o protocolo de isolamento social. Como consequência, as mensagens trocadas por WhatsApp tiveram de ser transferidas para reuniões via Zoom. A medida que o período de isolamento foi se estendendo, diante da falta da matéria-prima habitual à mão, alguns membros começaram a experimentar o uso de plantas e flores do próprio quintal, traduzindo seus achados para formatos digitais de modo a seguir compartilhando com os demais.

Durante a quarentena, a simplicidade e a aplicação de técnicas que não demandam aptidões especiais ou equipamento industrial, assim como o reuso de materiais disponíveis para outras aplicações, distintas da sua utilização original, tornou-se uma opção inevitável para pequenos empreendedores das indústrias criativas, que fizeram inventários de estoques pouco usuais, incluindo trapos, papéis, plantas e outros itens passíveis de reuso. Essas pessoas, sem perceber, adotaram práticas de economia circular, usando materiais caseiros, alguns dos quais poderiam inclusive ser considerados dejetos – como folhas secas, pétalas caídas de flores, sementes e subprodutos do preparo de alimentos. E economia circular, precisamente, é pautada por princípios regenerativos do capital natural e social, que prezam pelo desenvolvimento de práticas que permitam reuso, readequação e longevidade na utilização sábia de materiais cuja escassez é premente. Esse modelo *“representa uma mudança sistêmica que constrói resiliência em longo-prazo, gera oportunidades econômicas e de negócios, e proporciona benefícios ambientais e sociais”*⁵ (Ellen McArthur Foundation, 2017).

4 Piria herdou conhecimentos ancestrais que remontam aos cavaleiros templários de um monge jesuíta, e devotou toda sua vida ao estudo da biodiversidade latino-americana, trabalhando com ervas e flores locais sob essa visão alquímica.

5 Distintas escolas de pensamento sintetizam essa visão a partir da Segunda Guerra Mundial, incluindo a abordagem da economia de performance conforme apresentada por Walter Stahel; a filosofia de design do “berço ao berço”, de William McDonough e Michael Braungart; a abordagem de biomimética organizada por Janine Benyus; a ecologia industrial como descrita por Reid Lifset e Thomas Graedel; o capitalismo natural segundo o entendimento de Amory e Hunter Lovins e Paul Hawken; e a abordagem da “economia azul”, articulada por Gunter Pauli.

As práticas do grupo apresentado anteriormente passaram a ser difundidas em oficinas online diante da ampliação do isolamento social, ofertando um exemplo interessante de como a economia circular pode ser aplicada além do reuso dos materiais em si, mas também em opções reflexivas pautadas pelo compartilhamento e por meio da aplicação da tecnologia como adjuvante. Essa crença amplia-se com as distintas expressões que esse dossiê apresenta em variadas frentes que unem educação, sabedoria popular e o entendimento de uma economia preocupada com recursos naturais, saúde humana e inovação responsável por meio de novos modelos de negócios e processos de fabricação com menor dependência de matéria-prima virgem, denominada de economia circular. No modelo de economia circular não existem descartes de materiais ou de produtos finais; forma-se um ciclo sustentável restaurativo e regenerativo por princípio, desde a concepção dos produtos até seu descarte no pós-consumo, (Ellen McArthur Foundation, 2017).

Três vertentes norteiam a seleção dos artigos: a redescoberta da potência de dejetos e refugos, a revisão de práticas de ensino-aprendizagem diante dos modelos híbridos e um olhar distinto para a ideia de colaboração em detrimento da competitividade, resgatando tais princípios como insumos importantes para discussões acadêmicas. O pesquisador colombiano Arturo Escobar (2018, p.2), em sua obra *Designs for the Pluriverse*, argumenta que todo o conceito de design pode ser repensado a partir de propostas participativas, etnográficas e colaborativas. Se a etapa inicial para a migração de uma lógica linear para um modelo circular nos negócios de moda está em analisar oportunidades para criação de melhores processos, produtos e serviços, expandindo proposições de valor, capturar valores não percebidos ou mesmo perdidos apresenta-se como um caminho por meio do qual a sabedoria ancestral – seja dos povos originários, da herança familiar ou da migração entre culturas – torna-se referência importante. Nesse sentido, no artigo “*Proposta de fabricação de cabedal de malha utilizando o modelo de economia circular*”, Adriana Duarte e Regina Aparecida Sanches discutem como o reuso de aparas têxteis viabiliza a produção de cabedais de malha sem costura, confeccionados em máquinas de malharia retilínea, propiciando uma transformação no entendimento de refugo como matéria-prima em âmbito industrial. Seguindo essa lógica, porém focados em práticas artesanais da tradição catarinense, o grupo de pesquisadores Monica Vieira de Alencar, Lucas da Rosa, Luciana Dornbusch Lopes e Dulce Maria Holanda Maciel observam esse princípio pelo prisma do fazer manual, e apresentam o trajeto da renda de bilro em Florianópolis em “*Renda de bilro e upcycling: uma proposta de inovação*”. Avançamos, portanto, do capital natural para o capital social, em que a educação assume papel preponderante como alicerce na retomada desses valores. Em *Call for rethinking on fashion design education in the era of Post-Pandemic: insights from Turkey*, o pesquisador Şakir Özüdoğru apresenta uma resposta institucional, descrevendo como o Departamento de Design Têxtil e de Moda da Faculdade de Arquitetura e

Design da Universidade Técnica de Eskişehir, na Turquia, reagiu diante da instalação do modelo de ensino híbrido, reinventando práticas por meio da tecnologia. O investigador analisa de que modo esse papel precisou ser revisado durante a pandemia, com uma pesquisa-ação, implementada e testada dentro desse contexto, cujas evoluções extraídas da experiência cotidiana dos processos de ensino-aprendizagem ilustram transformações.

É notável que a escola precisou se reinventar junto com a sociedade e isso também se deu com a educação informal. Do outro lado do globo, considerando a universalidade desse desafio, Regina A. Root e Stephanie N. Saunders esclarecem de que modo o impacto do ato de compartilhar age como mola propulsora da aprendizagem colaborativa em espiral, por meio do estudo de caso do congresso de moda latino-americano Ixel Online 2020. Em seu artigo, as autoras desvendam como estruturas escondidas sob a superfície da experiência coletiva podem ser identificadas e conectadas aos eventos ao nosso redor, permitindo a construção conjunta de soluções mais duradouras e sistemáticas por meio da troca; ao invés de reações isoladas diante de um acontecimento momentâneo, de pouco impacto sistêmico. Originalmente, *Refashioning Collaborations: Crossing Borders during the Pandemic* foi publicado em 2021, na *Middle Atlantic Review of Latin American Studies* (DOI: <http://doi.org/10.23870/marlas.361>). E, como não poderia deixar de ser quando se trata de compartilhar e circular, sob licença *Creative Commons*. Assim, devido à importância seminal deste artigo para a discussão do tema em âmbito latino-americano, generosamente a revista e as autoras permitiram sua reprodução e também a publicação de um resumo estendido em português, de modo a ampliar o debate e facilitar o acesso neste idioma. Nossa gratidão pela deferência e consideração com a *REAMD*, em especial à Professora Ivani Vassoler, da State University of New York, editora e gestora da *Middle Atlantic Review of Latin American Studies*, cujo parecer foi favorável a esta republicação em prol de uma discussão mais ampla.

Nesse sentido, cabe salientar que o conhecimento em rede é verdadeiramente um princípio da economia circular e que sua prática é a mais preciosa lição que podemos aprender. Essa tessitura social, aprendido de espaços nem sempre escolares, demonstra como há sistemas em operação em várias camadas. É necessário, portanto, observar e discutir valores em circulação que promovam intencionalidade regenerativa, exercício coletivo da empatia e demonstração de que resíduo para uns é definitivamente potência para outros, material e simbólica, presencial e virtual.

Referências:

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **A new textiles economy: Redesigning fashion's future.** 2017. Disponível em: <<http://www.ellenmacarthurfoundation.org/publications>>. Acesso em: 25 ago 2021.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION . **Economia Circular.** 2017. Disponível em: <https://archive.ellenmacarthurfoundation.org/pt/economia-circular/conceito>. Acesso em: 23 jan 2022.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse:** Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds. 2018. Durham: Duke UP.

MEADOWS, Donella H., WRIGHT, Diana. **Thinking in Systems:** a Primer. 2015. White River Junction: Chelsea Green Publishing.